CONCEPÇÕES DE MATERNIDADE EM PROVÉRBIOS AFRICANOS

Domiciano Marciano Lopes De Oliveira[1]
Julio Epalanga Sacalembe[2]
Erica A. Kawakami Matttioli[3]

RESUMO

O presente trabalho integrou o projeto de pesquisa intitulado 'A intersecção de gênero, raça, etnia, nação e migração internacional na fabricação social da maternagem entre universitárias de Guiné-Bissau, Cabo Verde e Angola' (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Cientifica - PIBIC UNILAB/CNPq), por meio do qual buscamos conhecer as concepções de maternidade em África, presentes em provérbios guineenses e angolanos. Os provérbios expressam a filosofia e a espiritualidade das sociedades africanas que mobilizam conhecimentos que vão passando cotidianamente de uma geração para outra. Esses conhecimentos que carregam os provérbios reverberam nas dinâmicas sociais, políticas e culturais dentro do continente. Neles, pudemos reconhecer a valorização da categoria "mãe", que reposiciona, de fato, as sociedades africanas como majoritariamente matriarcais e matrilineares. Os provérbios mostram a potência e a força da tradição oral na continuidade de conhecimentos. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos a metodologia qualitativa, cujo objetivo é buscar os significados atribuídos à maternidade nos provérbios, com levantamento bibliográficos em livros, artigos, monografias, teses, dissertações e outros e por meio de entrevistas abertas com pessoas originárias destes países, para mapear os provérbios que conhecem ou dos quais se lembram.

Palavras-chave: Maternidade; Provérbios; Identidade; Tradição Oral.

UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, domicianolopesdeoliveira@gmail.com[1]
UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, juliosacalembe@gmail.com[2]
UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, erikawmi@unilab.edu.br[3]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, 'Concepções de maternidade em provérbios africanos', integra o projeto de pesquisa mais amplo intitulado 'A intersecção de gênero, raça, etnia, nação e migração internacional na fabricação social da maternagem entre universitárias de Guiné-Bissau, Cabo Verde e Angola' e busca identificar as concepções de maternidade expressas em provérbios no continente africano. Os provérbios são utilizados para referenciar uma determinada identidade; incorporam significados e memórias culturais baseados na oralidade, também expressam a filosofia e a espiritualidade das sociedades africanas. Desse modo, mobilizam conhecimentos que vão passando cotidianamente de uma geração para outra. Como explica Vitorino (2020):

> Cada provérbio se mostra, no seu dia a dia, nas manifestações de seu povo, como uma sentença moral que expressa uma verdade adquirida através da experiência de vida de uma comunidade. O provérbio é, quase sempre, construído através de uma frase curta, capaz de fazer referência a diversas questões da existência do ser humano. [...] Os provérbios possuem inúmeras características, mas para o presente estudo, vamos considerar as mais relevantes, a partir do nosso olhar: a) lidam com relações lógicas; b) podem ser metafóricos; c) são anônimos, frutos da experiência de uma determinada comunidade (povo); d) possuem formas fixas, cristalizadas e recursos linguísticos que favorecem a sua memorização; e) refletem maneiras de pensar universais, verdades palpáveis de conteúdo moral ou prático e de veiculação popular que se reveste com uma aparente simplicidade, de componentes bastante diversos. Na maioria das culturas orais da África Negra, os provérbios constituíam-se em momento de grande privilégio para a transmissão de uma sabedoria tradicional. Por estarem centrados, prioritariamente, em valores comunitários, os provérbios, de certa forma, apelavam para uma agilidade de espírito capaz de atualizar o conhecimento da experiência ancestral (p. 1-2).

Esses conhecimentos que os provérbios carregam reverberam nas dinâmicas sociais, políticas e culturais dentro do continente. Segundo Barbosa (2019, s\p), "desde tempos imemoriais [os provérbios] fazem parte da cultura africana e representam, assim, um modo peculiar de ver o mundo através das palavras". Em muitos deles, podemos reconhecer a valorização" e concepções em torno da categoria "mãe".

Remi Akujobi (2011) nos mostra, a partir de seu estudo das literaturas africanas, como a maternidade é o único elemento em que o valor de uma mulher pode ser medido e nos alerta que é necessário questionar essa ideia que, em muitos casos, leva ao constrangimento de mulheres que não têm filhos. A autora nos adverte ainda que o patriarcado atua na desvalorização dessas mulheres, pois "patriarcados podem facilmente implantar noções de maternidade para promover tradições" (AKUJOBI, 2011, s/p) e apoiar a ideia de "Mãe é ouro" para desrespeitar uma mulher sem filho.

Essa dimensão da pesquisa focada na concepção de mãe nos provérbios africanos teve como motivação inicial uma experiência pessoal , pois sou órfão desde os meus cinco anos de idade e fui criado por minha avó. No decorrer da minha infância e adolescência, pude perceber a relação afetuosa dos meus colegas com ela, os quais até o presente momento a identificam como minha mãe biológica.

METODOLOGIA

Metodologicamente, este trabalho fundamentou-se na pesquisa bibliográfica como técnica e procedimento de coleta dos dados e elaboração crítica e descritiva do material. O levantamento bibliográfico considerou inicialmente a produção acadêmica relativa ao conceito de maternidade e o estudo dos provérbios africanos em artigos científicos disponíveis em plataformas online.

ISSN: 2447-6161

A partir do levantamento bibliográfico, foram selecionados os textos para serem traduzidos e estudados. Posteriormente, pretendemos avançar na exploração e estudo do tema em livros, teses, dissertações e ainda contar com a colaboração de pessoas que possam nos contar sobre os provérbios em suas comunidades, cujos conteúdos se relacionem com a concepção de maternidade em África.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o desenvolvimento deste trabalho, pudemos avançar em estudos em torno das concepções de maternidade em África, com apoio, de materiais que se encontravam em língua portuguesa e inglesa. Aqui destacamos alguns que foram fundamentais para o seguimento da pesquisa, que terá continuidade na modalidade Trabalho de Conclusão de Curso (OLIVEIRA, 2023-2025).

A concepção da maternidade em África vem sendo discutida por intelectuais e escritoras e escritores africanos nos últimos anos, com os quais buscamos entender os valores socioculturais e religiosos em torno das concepções de maternidade porque a maternidade em África não é pensada só a partir da reprodução ou da fertilidade do corpo, mas sim como identidade.

Nesta perspectiva, Dominica Dipio (2019) traz reflexões sobre as práticas culturais que reverberam na ideia matriarcal. A autora nos mostra a concepção de matriarcado a partir da mutualidade e não como um sistema de dominação como o patriarcado, porém exercido pela matriarca. Ao contrário, ela expõe que “os diferentes gêneros tinham seus papéis de modo que essa relação não se caracterizou pela dominância de um gênero sobre o outro, mas sim pela mutualidade” (p. 5). Essa mutualidade é de suma importância na sociedade africana, porque nela a reciprocidade é central. Com base nisso, realça que vários estudiosos questionam a noção de patriarcado como uma ordem hegemônica nas comunidades africanas e levam em consideração a questão do gênero para abordar as características das sociedades matriarcais.

Vários provérbios analisados por Dipio (2019) nos fazem pensar a maternidade como uma identidade relacionada à agricultura ou alimentação. Desse modo, a mãe é um alicerce de qualquer que seja a sociedade matriarcal. Por outro lado, Dipio salienta que a mãe une os filhos através da comida e do carinho. O provérbio “o olho grande da mãe” (Ma’Di/ Uganda) é usado para referir-se “à visão e sabedoria de uma mãe em racionar cuidadosamente as provisões da família para garantir que todos sejam atendidos de acordo com suas necessidades” (p.15). Isso mostra que a mãe está associada à organização ou construção de uma comunidade africana.

De acordo com Lorelle Semley (2012), a maternidade se encaixa em termos de três aspectos: biológica, sócio-histórica e cultural/discursiva. Em diálogo com Anna Julia Cooper, que discute as noções de maternidade, Semley mostra a intervenção intelectual e a inovação de estudiosos negros no estudo da maternidade, gênero e história em que vários estudiosos da África Ocidental tentam diferenciar as posições de mães, esposas e irmãs. Assim, é necessário entender que a mãe na África Ocidental é tida como anciã pós-menopáusica que tem uma relação do poder com o ser sobrenatural e não como esposas grávidas que muitas vezes ocupam uma posição de subordinação, embora a primeira esposa possa exercer alguma influência sobre as noivas subsequentes. Dessa forma, é necessário pensar sobre diferentes comunidades africanas, onde a maternidade pública pode ser entendida como as mulheres exercendo sua influência política correlacionando com o seu papel de mãe biológica, como no caso da Guiné-Bissau, em que esses aspectos de maternidade pública atualmente têm repercussão na construção da sociedade . Por conseguinte, podemos destacar que a maternidade pública pode ser exercida por uma mulher que não tem filho biológico, mas que cuida dos outros mesmo que não exerça influência política, mas que tem esse status e força reconhecida na

ISSN: 2447-6161

comunidade.

O termo “mãe pública” na sociedade Iorubá serve como uma parte do título oficial de mulheres sacerdotes e ministros reais, e nos nomes tanto de “bruxas”; quanto de mulheres divinas ou sagradas, ou seja, a noção de maternidade carrega vários e amplos significados. Nessa perspectiva, autora tomou emprestado o termo “maternidade pública” de Chikwenye Okonjo Ogunyemi que é uma autora nigeriana pelo qual aborda as questões da maternidade africana (Ogunyemi apud Semley, 2012; p. 601). A autora vem distinguindo a mulher mais velha como mãe pública e a mais jovem como esposa, mostrando a importância das duas na comunidade. O termo maternidade pública de Ogunyemi concentra-se na metáfora e simbolismo da maternidade como base da autoridade das mulheres mais velhas. Também Semley destaca a autora Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí para uma importante intervenção teórica ao diferenciar esposas e mães, a fim de explicar a peculiaridade do poder das mais velhas.

A maternidade é um dos grandes suportes cultural e social nas sociedades africanas, principalmente na sociedade guineense, em que as mães são respeitadas em suas comunidades. Na Guiné-Bissau, com frequência, a mãe é responsável pela educação escolar e sustento dos filhos e da família. Sob o ponto de vista de Mendes (2017), a maternidade na África é tida como uma forma de riqueza e ela não significa uma posição de inferioridade com relação aos homens, mas sim como uma figura central da sociedade africana. A autora mostra que no período pré-colonial, as mulheres africanas tinham acesso à terra e exerciam papéis importantes na vida política e religiosa de suas comunidades. No entanto, o colonialismo afetou as dinâmicas culturais em África e introduziu uma política segregacionista em que a divisão do trabalho impedia a circulação efetiva de bens e serviços das mulheres nas comunidades rurais onde passaram a ocupar um papel primordialmente doméstico.

Semley (2012) destaca que é de extrema importância entender que o corpo material da mãe pode ser definido de maneiras variadas, pelo qual é necessário compreender os discursos culturais que definem as mães em diferentes contextos históricos. Assim, o estudioso Obioma Nnaemeka, citado por Semley, cunha seu próprio termo afim de ilustrar o feminismo africano como ‘negofeminism’ [negofeminismo], ou ‘feminism of negotiation’ [feminismo de negociação] e ‘no ego feminism’ [feminismo sem ego], em contraste com “a viagem do ego que engendra arrogância feminista, imperialismo e lutas pelo poder”. A autora mostra que o termo é utilizado para argumentar que um aspecto recorrente em muitas culturas africanas pode ser usado para nomear a prática da maternal (p. 612).

Abaixo, apresentamos alguns provérbios guineenses e angolanos que mobilizam a noção da maternidade.

Em Guiné-Bissau:

Mamé i firkidja de casa: A mãe é o suporte da família

Fidju nunca padido trás disi mamé: Nunca o filho nasceu na ausência da mãe

Abo i nha ponta de tripa: Fui eu que lhe pariu

Sibu ka tene mamé buta mamá dona: Quando uma pessoa não desfruta da mãe pode desfrutar da avó

Bianda sabi kata tarda na cabaz: Uma boa mãe (pessoa) não demora no mundo

Padida de dus mamá: A mãe que não se preocupa somente com o seu filho, mas qualquer que seja o filho que não é dela

Em Angola :

Ó henda dya mama nunca wadibale: O amor de mãe nunca acaba/ Nunca tem fim

Ó kufwa kwa mama, kunjimbindila kwa mona: A morte da mãe é a morte do filho/ Com a morte da mãe o filho perde o seu principal amparo

ISSN: 2447-6161

CONCLUSÕES

É necessário pensar a maternidade a partir de uma perspectiva africana e não eurocêntrica, e atentar-se às demais formas de compreender a noção de mãe e o quanto a maternidade é importante na construção das identidades na sociedade africana. Em Guiné-Bissau, é comum que os mais velhos digam que "as mulheres devem ser respeitadas porque sem elas não vamos estar aqui presentes", e isso não só se refere uma mulher mãe, mas a toda mulher, principalmente as mais velhas. Esses ditos estão presentes nos provérbios deste há muito tempo e estudá-los é uma forma de conhecer a riqueza e a força da tradição oral na produção e circulação de conhecimentos em nossas sociedades.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UNILAB), da UNILAB pela concessão da bolsa de IC (Edital PROPPG 02-2021; vigência: 01/10/2021 a 30/09/2022), sem a qual esta pesquisa não teria sido viabilizada

REFERÊNCIAS

AKUJOBI, Remi. Motherhood in African Literature and Culture. CLCWeb: Comparative Literature and Culture, Vol. 13, Issue 1, Article 2, (p. 1-10), March, 2011.

BARBOSA, Rogério Andrade. A orelha vai à escola todos os dias. Editora do Brasil, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo, Boitempo, 2019.

DIPIO, Dominica. African motherhood proverbs and worldview: A matriarchal perspective. Legon Journal of the Humanities, Vol. 30, No. 1, Special Issue, (p. 3-23), 2019.

MENDES, Maria Elizabeth P. S. M. Configurações da Maternidade Africana em Yvonne Vera: em busca de novos olhares. Florianópolis, 2017, p. 1-12.

SEMLEY, Lorelle Denise. Public Motherhood in West África as Theory and Practice. Gender & History, Vol. 24, No. 3, (p. 600 – 616), November, 2012.

OYEWUMI, Oyeronke. Abiyamo: Theorizing African Motherhood. Jenda, n. 4, 2003.

VITORINO, César Costa. Provérbios africanos em tampas de panelas de barro. O olhar linguístico e a Sociologia das Emoções. III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos. 08 a 16 de Outubro de 2020 – PPGS\Universidade Federal de Sergipe.

ISSN: 2447-6161